

MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS VIVENCIADAS NO PROJETO DE EXTENSÃO UATI/CEVITI

Cleideni Alves do Nascimento Acco¹

Resumo: Este artigo apresenta uma análise de dados que se insere no contexto de uma pesquisa de doutorado. Buscou-se conhecer, compreender e analisar como as experiências socioculturais envolvendo as mais diversas expressões artísticas podem ter influência sobre a constituição da identidade de um indivíduo no decorrer da sua história de vida, configurando-se como um processo natural de letramento literário a partir das suas vivências. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica desenvolvida entre um grupo de alunas de um projeto de extensão que atende o público da terceira idade. A partir dos depoimentos das participantes, foi possível constatar que as experiências vivenciadas no projeto se caracterizam por momentos marcantes e muito significativos para elas. Os dados revelam que as atividades artístico-culturais ou de ensino das quais participaram trouxeram benefícios que superam o nível de aquisição de novos conhecimentos. Esse projeto de extensão, como espaço de construção de sociabilidades, exerce um importantíssimo papel que adentra inclusive o âmbito psicoemocional. Todas essas atividades formam referenciais sociais importantíssimos para ajudar no equilíbrio emocional e na valorização e autovalorização da pessoa idosa.

Palavras-chave: Memórias; Experiências socioculturais; Terceira Idade.

Introdução

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado (Acco, 2024) realizada no âmbito do projeto de extensão UATI/CEVITI, desenvolvido no Departamento de Educação da Universidade da Bahia (UNEB – *Campus X*). O período da coleta de dados ocorreu entre março e agosto de 2022, envolvendo sete alunas do projeto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica e com algumas estratégias de pesquisa ação, dividida em entrevista inicial, grupo focal e entrevista

1 Professora do Curso de Licenciatura em Letras Inglês do Departamento de Educação de Teixeira de Freitas da Universidade do Estado da Bahia. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos da Linguagem e especialista em Estudos literários pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: clnascimento@uneb.br / cleideni_nascimento@yahoo.com.br.

2 A pesquisa contou com o apoio do CNPq.

final. Neste artigo, foram analisados os dados coletados em um dos sete encontros do grupo focal.

Como objetivo geral da pesquisa, buscou-se compreender de que maneira as experiências socioculturais envolvendo as mais diversas expressões artísticas poderiam ter influência sobre a constituição da identidade de um indivíduo no decorrer da sua história de vida, configurando-se como um processo natural de letramento literário a partir das suas vivências. Já no que se refere aos dados desse encontro analisado, o intuito foi conhecer e avaliar o relacionamento que as voluntárias da pesquisa construíram ao longo do tempo com o projeto a partir das experiências socioculturais lá vivenciadas.

No segundo encontro do grupo focal, as voluntárias da pesquisa foram convidadas a apresentar um objeto de recordação de algum momento, evento ou aprendizagem que houvesse sido significativo para cada uma delas, considerando-se suas vivências no projeto de extensão UATI/CEVITI. Através desse objeto de caráter memorialístico, requisitado no encontro anterior e escolhido por elas, foram reveladas experiências relevantes vivenciadas no projeto pelas voluntárias da pesquisa.

A decisão de solicitar que elas escolhessem tal objeto para narrar algum fato relevante foi motivada pela compreensão de que, dessa forma, haveria uma menor interferência da pesquisadora; além disso, elas teriam mais tempo para avaliar com calma a escolha de um acontecimento importante para elas; por fim, tal escolha poderia revelar muito sobre a subjetividade de cada uma delas, assim como a relação que elas têm construído junto ao projeto de extensão.

Através desse aprofundamento nas subjetividades das voluntárias da pesquisa, conhecendo mais detalhadamente algumas das experiências socioculturais que elas vivenciaram ao longo da vida e da participação no CEVITI, foi possível identificar mais pontos de convergência do que divergência em suas trajetórias. As similaridades encontradas foram importantes inclusive para ajudar nas escolhas das obras artístico-literárias que compuseram o repertório dos encontros seguintes do grupo focal. O intuito, ao propor às voluntárias novas experiências socioculturais com base em obras artísticas compartilhadas, foi avaliar como essas práticas culturais poderiam contribuir para o processo de letramento literário enquanto experiência sociocultural na velhice.

Ainda que em muitas ocasiões as pessoas compartilhem experiências socioculturais em espaços de convivência em comum e até realizem as mesmas atividades, vale lembrar que não existe uma memória coletiva enquanto faculdade humana, pois a memória só pode ser atestada individualmente (Candau, 2012). Por outro lado, as experiências coletivas vivenciadas em um mesmo período de tempo e espaço ajudam a formar referências sociais que constituem as memórias de cada indivíduo. De acordo com Bosi (1994, p. 422), “um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana. É esse, que ouvimos, tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória”. Desse modo, rememorar as lembranças coletivamente, considerando

um grupo que tenha referências sociais parecidas, pode ser muito enriquecedor, já que, muitas vezes, a memória de uma pessoa pode evocar outras memórias nos demais indivíduos e vice-versa. A depender do acontecimento lembrado, esses momentos podem ser de muita efervescência e entusiasmo, conforme observado em alguns dos encontros do grupo focal.

Outra característica importante para retomar questões relativas à memória é que ela não segue a linearidade do calendário civil adotado socialmente. Não se lembra fatos da vida em uma sequência meramente cronológica. A memória humana seleciona acontecimentos que marcaram de algum modo a identidade de cada pessoa. Para Candau (2012, p.101), “[...] uma história de vida consiste em dar uma fisionomia aos acontecimentos considerados pelo indivíduo como significativos do ponto de vista de sua identidade”.

Ao serem solicitadas que trouxessem um objeto que representasse uma lembrança importante para elas, observou-se que tal objeto remetia a algum acontecimento especial ao longo da sua trajetória junto ao projeto UATI/CEVITI. “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (Bosi, 1994, p. 411). Na sequência, alguns “tesouros” da memória foram selecionados pelas voluntárias da pesquisa para narrar um pouco da sua história com o projeto.

2 Alguns tesouros da memória

Nesse encontro estiveram presentes seis das sete participantes, e, antes que elas começassem a apresentar seus objetos de recordações, foi lido para elas o livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (1995), de Mem Fox, ilustrado por Julie Vivas, com o objetivo de introduzir o tema de como os objetos podem suscitar memórias de acontecimentos relevantes que constituem a nossa história.³ Após a leitura, elas demonstraram ter gostado da história, e duas delas fizeram comentários mais analíticos sobre a relação entre os objetos e as memórias:

Às vezes a gente lê algumas coisas. Quando uma pessoa toca ou fala alguma coisa, a gente lembra que a gente também já passou por aquilo, né?! Assim, quando a gente era criança. Às vezes, você vê um objeto, você lembra também. É igual essa história aí, a gente lembra (Elisabete, 2022 – grifos nossos).

Eu fiquei muito pensando assim: uma criança, como é que ele se empenhou e descobriu o que era memória, né?! Uma coisa ligava a outra, então ele ficava até que encontrou (Lau, 2022 – grifos nossos).

³ No caso da narrativa do livro ilustrado, o personagem reúne vários objetos para ajudar uma senhora a recuperar a memória quando em contato com eles.

Observou-se que dona Elisabete compreende claramente o potencial evocatório que os objetos podem ter para despertar memórias adormecidas, pois ela cita alguns exemplos de estímulos externos que recebemos, como quando lemos, ouvimos uma canção ou uma pessoa falando e vemos algum objeto que nos remete ao passado. E, por fim, ela compara esse processo evocatório de lembranças com a história de ficção que ela ouviu. Dona Lau, por outro lado, se detém mais especificamente na narrativa do menino que queria descobrir o que é uma memória. Ela parece ter se surpreendido com a capacidade do menino de relacionar as coisas com o propósito de ajudar a sua amiga idosa.

Na sequência, as participantes da pesquisa narraram suas histórias a partir do objeto de recordação por elas escolhido. Para algumas das voluntárias, a escolha de um único objeto de recordação não foi uma tarefa fácil, considerando que a grande maioria delas já faz parte do projeto há muitos anos e participou de vários eventos, cursos e oficinas. Então, duas delas, dona Lau e dona Elisabete, levaram dois objetos. A fim de facilitar a análise das falas das voluntárias, seus relatos foram agrupados pela afinidade da natureza dos acontecimentos narrados.

Inicialmente, foram analisadas as memórias que envolveram *performances* artísticas e corporais. Elas relataram suas participações em eventos nos quais atuaram diretamente e que exigiram delas uma boa dose de coragem para se expor nas apresentações. Certamente, essas experiências foram muito desafiadoras, e conseguir realizá-las parece ter dado a elas um grande estímulo para abraçar novos desafios. Para uma melhor visualização, os objetos de recordação por elas apresentados foram agrupados no quadro a seguir, juntamente com os eventos que esses objetos representam e qual o valor simbólico que eles possuem para cada uma delas.

Quadro 1: Objetos de recordação de eventos do projeto CEVITI.

Voluntária	Objeto de recordação	Evento representado	Valor simbólico
Dona Lau	Fotos	Participação em um desfile de Miss Terceira Idade	Sentimento de superação da timidez e aumento da autoestima
Dona Elisabete	Foto	Participação em uma apresentação de dança	Sentimento de superação da timidez
Dona Lurdes	Roteiro de uma peça de teatro	Encenação da peça “Julietta e Romeu”	Sentimento de importância e autovalorização

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Começando por dona Lau, que conta, a partir das fotos, como foi participar de um desfile de miss terceira idade e como esse evento mexeu com a sua autoestima. Na sequência, foram selecionados alguns trechos do relato da sua experiência:

Eu me sentia, antes de entrar no CEVITI, por mais que eu participava de comunidade, essas coisas assim, mas eu me sentia muito tímida assim, eu não tinha coragem de ir participar das coisas assim [...]. A gente ficou sem saber, né, Lurdes? Que classificação a gente ficou, mas eu achei assim muito importante. Para mim foi muito importante, mesmo que eu não venci, mas eu me senti linda, maravilhosa...(risos) E desfilei, né?! [...] Então, eu me senti assim muito importante naquele desfile. Toda a minha família lá batendo palma, os amigos torcendo e os netos. E assim foi. Foi muito bom (Lau, 2022 – grifos nossos).

No depoimento de dona Lau, percebeu-se que, para ela, a participação nesse desfile foi um momento de grande superação da sua timidez, considerando-se toda a exposição que esse tipo de evento exige das participantes. Além disso, quando ela reforça que foi muito importante para ela, brincando que se sentiu linda e maravilhosa, ela revela um sentimento de autovalorização e segurança que antes não tinha, devido ao excesso de timidez. E, mesmo sem ter vencido o concurso, para ela foi uma vitória íntima, pessoal, pois conseguiu vencer seus bloqueios internos. E para completar o seu sentimento de realização, ela expressa a sua alegria com a torcida dos seus familiares e amigos.

Além de dona Lau, mais uma dentre as voluntárias da pesquisa que estavam presentes nesse encontro do grupo focal participou do desfile de beleza para miss terceira idade: dona Lurdes, citada por dona Lau em seu depoimento. Inclusive, elas trocaram lembranças sobre a experiência de participar desse evento. Observou-se o quanto eventos desafiadores como esse podem desempenhar um papel importantíssimo para fortalecer a autoestima e a autoconfiança das pessoas idosas. Celebrar a beleza da velhice é também uma forma de quebrar o tabu de que a pessoa, por ter envelhecido, não precise mais se preocupar com a estética e com sua apresentação pessoal. Com a velhice, a perspectiva de beleza muda e, para além da aparência física, transforma-se em um conjunto que concilia os aspectos físicos e emocionais, gerando bem-estar. É um se sentir bela ou belo. Limoeiro (2016) aponta, em uma pesquisa, que as mulheres de mais 60 anos apresentam novas preocupações, novas inquietações que não parecem ter relação com a aparência. O cuidado com o corpo continua, mas se configura de modo diferente. O foco muda para os cuidados com a saúde. E nesse sentido, as mulheres conseguem ter um bom envelhecimento, inclusive melhor que o dos homens.

Dona Elisabete, por sua vez, conta sobre a experiência que teve através de uma oficina de dança, no excerto que aparece na sequência. É importante destacar a frase na qual ela fala “eu amo essa foto”, pois entende-se que o sentimento se dirige para o acontecimento que a foto registrou, mais do que para o objeto em si.

Essa foto daqui também. Eu guardo ela porque eu amo essa foto. A nossa oficina de dança folclórica. É com, com Patrícia, né?! E essa eu... Eu tenho a maior vergonha de dançar, não gostava de dançar e não gostava de me apresentar em nada. E aí, vi Lau contando a história dela, eu lembrei.

*E aí Patrícia foi jogando a gente na dança, né?! Patrícia falou: não, você vai dançar. **E eu morrendo de vergonha.** Tá aqui a foto (Elisabete, 2022 – grifos nossos).*

A partir dessa experiência, observou-se que dona Elisabete teve uma mudança de perspectiva em relação a dançar e a se apresentar em público. Certamente, ela continua sendo tímida, pois essa é uma característica da sua personalidade. No entanto, quando ela diz: “não gostava de dançar e não gostava de me apresentar em nada”, a escolha do tempo verbal pretérito imperfeito mostra que esse estado de ânimo mudou, ele ficou no passado. Assim, ela demonstra ter vencido a vergonha e já se sente capaz de assumir outros desafios.

Passando para a lembrança trazida pelo objeto de dona Lurdes, mais uma experiência de *performance* é apresentada, mas dessa vez de teatro. Um fato curioso sobre a escolha de dona Lurdes é que ela levou o roteiro da peça de teatro na qual atuou, em vez de levar uma foto da encenação. Parece até um comportamento de artista profissional, que compreende que o texto é a materialidade da palavra que depois ganha vida através da interpretação dos atores.

*Eu vou falar o quê? **E é que foi importante na minha vida, foi o teatro que eu amo, né?! [...]** Sim, isso aqui foi uma peça que nós fizemos de Julieta e Romeu. Mas não podia ser Romeu e Julieta? Tanto faz, né?! Porque aqui tá Julieta e Romeu. **E aí eu participei e adorei.** A peruca que me deram parecia peruquinha de índio. É isso só que eu tenho que falar. **Foi muito bom, muito bom mesmo a apresentação. Ah, eu senti toda importante, né?!** Porque tava meu povo tudo, meus neto, meus filho, né?! Os amigo acharam muita graça porque o meu cabelo era todo engraçadim (Lurdes, 2022 – grifos nossos).*

Diferentemente de dona Lau e dona Elisabete, dona Lurdes demonstrou não ter se intimidado diante da encenação da peça de teatro na qual ela atuou. Ao contrário, ela parece se sentir muito à vontade e em momento algum expressa acanhamento. Suas palavras revelam entusiasmo e apreciação da arte de encenar, conforme se observa no excerto anterior. Ela usa o verbo “amar” no presente para mostrar que o seu amor pelo teatro ainda permanece. Depois usa o verbo “adorar” no passado simples para contar seu sentimento quanto à participação na peça. Por fim, ela reforça duas vezes que a apresentação foi muito boa. E quando perguntada a respeito de como ela se sentiu em relação à sua atuação na peça, ela, assim como dona Lau, expressa um sentimento de importância ainda mais valorizado pelo apoio dos familiares e amigos que estavam presentes.

É relevante pontuar o destaque que dona Lau e dona Lurdes deram ao apoio recebido dos seus familiares. Nesses dois exemplos, percebeu-se uma mudança positiva em relação ao lugar que a sociedade, em boa parte, costumava reservar às pessoas idosas: a invisibilidade e o apagamento pessoal. Ao subir em um palco para desfilarem e para encenarem uma peça, elas ocuparam espaços de protagonismo, de destaque. São espaços que, por muito tempo, foram negados às pessoas idosas.

De modo geral, as experiências que elas tiveram foram muito importantes para cada uma. As atividades transcenderam o nível do divertimento, proporcionando mudanças pessoais que as ajudaram a superar limitações de suas personalidades. Segundo Caradec, é necessário que as pessoas idosas possam manter uma dinamicidade que lhes garanta autonomia pessoal. Para o autor, “[...] trata-se, simultaneamente, de conservar pelo maior tempo possível atividades e relações que fazem sentido, manter a capacidade de decidir quanto à própria vida, preservar o sentimento do próprio valor e conservar espaços de familiaridade com o mundo” (Caradec, 2016, p. 35). Esses aspectos apontados por Caradec realmente fazem a diferença, de modo que, nos relatos das experiências vivenciadas por essas senhoras, é possível avaliar o quanto tais atividades foram significativas para elas.

Na continuidade, foram agrupadas as memórias com base nas atividades manuais realizadas e apresentadas pelas voluntárias através dos objetos que elas selecionaram. Dona Bela e dona Neiva falaram sobre a experiência de aprender a pintar nos cursos de que elas participaram no CEVITI. Dona Lau conta sobre uma experiência pontual que começou em tom de brincadeira com uma colega do projeto e terminou na confecção de algumas saias de retalhos, conforme se vê no quadro a seguir.

Quadro 2: Objetos de recordação de trabalhos manuais do projeto CEVITI.

Voluntária	Objeto de recordação	Atividade realizada	Valor simbólico
Dona Bela	Panos de prato pintados	Curso de pintura em tecido	Sentimento de orgulho pela nova habilidade desenvolvida
Dona Neiva	Uma pintura em tela	Curso de pintura em tela	Sentimento de orgulho e realização pela habilidade desenvolvida
Dona Lau	Uma saia	Confecção de saias de retalhos	Sentimento de satisfação por um trabalho bem realizado

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dona Bela levou para o encontro alguns panos de prato pintados por ela. Inicialmente, ela disse ter pensado que não conseguiria fazer pintura em tecido, pois se considera uma pessoa muito ágil, que gosta de fazer as coisas rapidamente, e a pintura demandaria dela mais paciência e atenção por ser uma atividade delicada. Contudo, ao fazer o curso, ela mesma se surpreendeu com o resultado que alcançou quando a professora elogiou o seu trabalho, conforme ela relata: “Aí, quando nós começamos pintar, **** (nome da professora) chegou para mim: ‘dona Bela, você falou que não tinha condições, olha como a senhora pintou bonito, viu?’”

Em sua fala, dona Bela revela ter se encantado com a nova habilidade que desenvolveu a partir do curso de pintura em tecido de que participou.

Foi isso aí, pra mim, eu achei uma verdadeira maravilha que é uma das coisas que eu nunca tinha feito nessa idade que eu estou, né?! Porque tudo quanto é coisa de artesanato, de tricô, de crochê, de tudo, tudo assim eu sei fazer, graças a Deus, né?! Mas isso aí nunca e, no entanto, olha minhas pinturas que coisa mais linda (Bela, 2022 – grifo nosso).

A experiência parece ter sido para ela um exercício de autossuperação, pois, inicialmente, ela não acreditava que conseguiria aprender a pintar. Quando ela diz “[...] é uma das coisas que eu nunca tinha feito nessa idade que eu estou, né?!”, essa fala vem destacar também a superação das limitações que, muitas vezes, surgem em decorrência da idade mais avançada.

Dona Neiva levou uma pintura em tela para contar como foi a sua experiência de aprender a pintar quadros. Inicialmente, ela contou que aprendeu a fazer pintura em tecido e que já tinha ficado muito entusiasmada com essa nova habilidade desenvolvida. Logo depois, ela fez o curso de pintura em tela. Ela comentou que o professor era uma “joia de pessoa” e que tinha muita paciência com suas alunas. Ele ensinava a pintar começando pela observação das variações de cores que existem na natureza, conforme ela descreve a seguir.

Se vocês ver o pôr do sol, ela não está, ela está vermelha. Ela fica rosa. Ela fica vermelha, né?! Todas as cores. Vai chover, ela fica escura. Então nós temos que aprender a pintar olhando para o céu, olhando para as plantas, olhando para as flores. Isso nos ensinou muito porque a gente ficava observando as folhas, o verde mais claro, o verde mais escuro, né?! A pintadinho de branco. E fomos tomando gosto. E fomos aprendendo, né?! (Neiva, 2022 – grifos nossos).

Mais do que dominar uma técnica de pintura, é interessante observar que dona Neiva contou que aprendeu a ter um olhar mais sensível para a natureza, analisando seus detalhes e as nuances de cores que compõem o cenário natural. Ela demonstra um especial encantamento por esse universo da pintura. Quando perguntada sobre como ela se sentiu depois de conseguir pintar seus próprios quadros, ela expressou muita alegria e satisfação, conforme o relato que se segue.

Ah, muito feliz e orgulhosa, né?! Oh, hoje eu sei pintar uma tela! Já no pano de prato, eu já ficava assim... Pergunta à minha filha. Era uma loucura nos pano de prato que era dia e noite pintando. Aquela alegria, aquela euforia porque você descobre uma coisa nova que você não era capaz. E de repente, você sabe que você é capaz. Não é, Bela?! E faz coisas lindas. Oh Bela, ela faz coisas lindas, mas não fazia tecido. A gente sente orgulhosa da gente mesmo, sabe. E lá em casa, todos dão apoio, todos (Neiva, 2022 – grifos nossos).

É interessante pontuar que dona Neiva parece distinguir níveis de valor estético entre a pintura em tela e a pintura em tecido. Embora ela tenha revelado sua satisfação com as duas técnicas de pintura. Quando ela fala “Oh, eu sei pintar uma tela!”, há um tom de orgulho que parece se sobressair em relação à pintura em

panos de prato, a qual teria um valor mais utilitário. Contudo, de modo geral, ela enxerga essas experiências como grandes aprendizados que a ajudaram a provar sua capacidade. Dona Neiva, inclusive, faz uma interlocução com dona Bela para confirmar o sentimento de orgulho e realização compartilhado entre ambas por terem aprendido a pintar. Outro ponto muito importante é o apoio e o estímulo por parte da família. Dona Neiva faz uma análise de como tal apoio influenciou no desempenho delas nesse tipo de atividade:

É, isso é bom, porque você tendo em casa um apoio, você cresce mais e se sente mais orgulhoso daquilo que você tá fazendo, né?! Porque foi bem aceita. As pessoas reconhece o seu sacrifício porque nós não somos novinhos, nós estamos começando já na certa idade que a mão não é a mesma de uma mais jovem, né?! Tem as nossas dificuldades, tem as nossas artrose, artrites [...] (Neiva, 2022 – grifos nossos).

Vale ressaltar que a importância da conquista e do desafio superado é ainda maior, considerando-se as limitações físicas acarretadas pelo avanço da idade. Quando dona Neiva menciona o termo “sacrifício”, ela quer mostrar que, para alguém na sua idade, realmente, o grau de dificuldade aumenta com o passar do tempo e com o surgimento de problemas de saúde. Logo, receber o apoio e o reconhecimento da família se torna um importante estímulo para que elas continuem.

Já dona Lau levou, além das fotos do desfile, uma saia de retalhos que ela mesma confeccionou, e nos contou a história dessa peça:

*E as saias a gente estava aqui, apareceu alguma pessoa com uma saia de retalhos [...] E aí Alicinha, ela falou assim: Dalva eu tenho vontade de usar saia [...], só que eu não encontro o que dá na minha cintura. **Aí eu falei (até brincando): eu tenho tanto retalho, acho que eu vou fazer essa saia pra você.***

*Foi quando entrou a pandemia. Fiz igual dona Neiva, peguei todos os retalhos, joguei na sala e fui escolhendo: viscose para o lado, seda pro outro, pano de algodão e fui fabricando saia. **Eu acho que eu fabriquei umas 8 mais ou menos [...]. Na pandemia, né, que a gente tava lá sem saber o que fazia. Fiz minha saia, ganhei meu dinheiro e deixei minhas freguesas bem satisfeita com isso...** (risos). Então a história desses objetos foi isso aqui. Não sei se tem muito sentido, né?! Mas pra mim tem (Lau, 2022 – grifos nossos).*

A partir de um momento de descontração, conversando com uma amiga, Dona Lau (brincando) se comprometeu a fazer uma saia para essa amiga. Ao nos contar essa história, ela revela o seu lado profissional e uma finalidade prática ao confeccionar as saias para vender. E considerando-se o contexto da pandemia, essa atividade se tornou para ela também uma forma de passar o tempo, já que estava em isolamento social. Uma curiosidade sobre as saias que ela confeccionou é que elas serviram para compor um figurino de uma apresentação de dança de uma das

oficinas ofertadas pelo projeto CEVITI. Ao finalizar seu relato com a frase “Não sei se tem muito sentido, né?! Mas pra mim tem”, dona Lau reafirma o argumento de Candau (2012), de que é o indivíduo que indica o que é significativo para ele, segundo o ponto de vista da sua identidade.

Para finalizar, foram reunidos os objetos de recordação de dona Elisabete e dona Clemência também pela natureza da semelhança, já que se tratava de textos. O primeiro é uma mensagem em uma folha de papel ofício, a qual dona Elisabete guarda com muito carinho. O segundo é um livro de versos e trovas escrito por dona Clemência.

Quadro 3: Objetos de recordação de textos vinculados ao projeto CEVITI.

Voluntária	Objeto de recordação	Curso realizado	Valor simbólico
Dona Elisabete	Uma mensagem escrita	Oficina de arte terapia	Início de um processo de cura de uma depressão
D. Clemência	Um livro de versos	Publicação de um livro autoral de versos	Realização de um sonho de juventude

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O texto que dona Elisabete levou foi uma lembrança que ela recebeu ao final de uma oficina de arteterapia da qual ela participou há mais de 20 anos. Na ocasião, ela conta que estava muito deprimida devido ao falecimento do seu esposo e da sua mãe, em seguida. Na época, ela ainda não tinha a idade mínima para se matricular no projeto, então ela foi convidada a participar dessa oficina que era ministrada por duas professoras do departamento da UNEB. Após explicar a história desse texto, ela o leu para todas.

Essa folha de papel é muito interessante, ela é significativa muito para mim. Porque em 2002 que meu marido veio a falecer. Teve infarto, né?! E foi uma coisa assim muito violenta que eu falo. Com três meses minha mãe faleceu e eu fiquei muito deprimida. [...] Aí eu entrei na arteterapia lá, mas eu era tímida, igual Lau tava falando. Eu falo que eu era um bichinho do mato. Eles puxavam por mim, era só choro. Nada. Aí * e ****, que era as duas professoras de arteterapia. Elas foi me moldando, né?! Conversando, conversando, e nos últimos dias que ela ia parar, ela me deu essa folha. Então essa folha, ela é inseparável de mim. E eu guardei, porque elas tinham muito carinho, conversava e tudo, e eu tomando remédio. Fiquei depressiva um bom tempo. E eu falo que o CEVITI me curou. Graças a Deus, e aí elas me deram sim essa folha. Ela sempre me acompanha, de vez em quando eu pego, olho e falo assim: foi duas pessoas maravilhosas em minha vida. Eu não quero chorar. E aí ela me deu essa folha*** (Elisabete, 2022 – grifos nossos).

Dona Elisabete, pelo duplo trauma que sofreu ao perder dois entes amados em tão pouco tempo, entrou em um processo de profunda tristeza. Nesse período de abatimento emocional, ela parecia não encontrar sentido para sua própria vida. É nesse contexto bem desfavorável que ela começou a frequentar as atividades do projeto. A folha que ela guarda há anos traz uma mensagem de autovalorização e da importância de cada ser humano. É possível observar que as palavras dessa mensagem agiram de um modo muito especial sobre dona Elisabete, e o efeito da mensagem foi tão potente que ela ainda continua recorrendo a essa leitura, passados mais de vinte anos. Petit (2009, p. 112) aponta para um poder terapêutico da leitura: “Do nascimento à velhice, estamos sempre em busca de ecos do que vivemos de forma obscura, confusa, e que às vezes se revela, se explicita de forma luminosa, e se transforma, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase”. O conjunto dessa oficina de arteterapia, suas ministrantes e a mensagem recebida por ela parecem ter dado início a um processo de cura, que foi se consolidando ao longo da sua participação no projeto, conforme ela mesma relata: “Fiquei depressiva um bom tempo. E eu falo que o CEVITI me curou” (Elisabete, 2022).

Dona Clemência levou para o encontro um livro de versos de sua própria autoria e leu para o grupo um dos textos que compõem a obra, um acróstico que descreve a rotina de uma das oficinas do projeto CEVITI. Nesse acróstico, ela explica, em tom de alegria e simplicidade, um pouco do ambiente da UATI vivenciado por elas. A publicação do seu livro é resultado de uma bela história de evolução, superação e conquista de um sonho de juventude, conforme ela conta:

*Deixa eu ver, a história é o seguinte: quando eu era criança, assim já uma mocinha... (mas eu fui aprender a ler com 60 e poucos anos)... eu gostava... A minha irmã aparecia em casa com os... quando ela vinha, da cidade que ela ia e ela **comprava aqueles cordel de trovas e ela lia pra gente, que a gente achava muito bonito**. Quando ela terminava, tinha dia que eu mandava ela lê... E ela falava assim: ai, eu não, agora não. Aprende lê que vocês lê. Ai eu pegava e me lembro, você acredita que eu aprendi lê daquilo ali?! **Eu aprendi lê naquilo ali de ler as coisas trovadas dos romances**. Naquele tempo falava romance, hoje é cordel. **Ai eu sempre falava, quando eu aprendê lê, a primeira coisa que eu quero é fazer um livro** (Clemência, 2022 – grifos nossos).*

Para entender a relação que dona Clemência tem com a escrita, é necessário voltar ao seu passado e observar que tudo começa a partir da escuta de histórias de cordel através de uma irmã que comprava os textos na cidade e lia para as demais. Seu encantamento por essas narrativas a levou a aprender a ler sozinha através do cordel, como ela mesma conta: “Eu aprendi lê naquilo ali de ler as coisas trovadas dos romances. Naquele tempo falava romance, hoje é cordel”. Desde aquela época, ela acalentava o desejo de escrever um livro, provavelmente motivada pela paixão que ela tinha pelas histórias trovadas do cordel. No entanto, dona Clemência não havia completado o ciclo de alfabetização na sua infância. Ela voltou a estudar em

uma das oficinas do projeto, e foi lá que ela recebeu estímulo e apoio para escrever os seus versos e publicar um livro, de acordo com seu relato:

Aí Adelaide pegou guardar os rascunhos que eu fazia das poesia na sala. Eu também no meu caderno eu não arrancava, tá até hoje lá... (risos). E Marinês pegou e falou: pois eu vou fazer um livro. Eu falei: não acredito. Vai, nós vamos fazer sim. Pode ajuntar tudo aí que nós vamos fazer um livro. Aí eu ajuntei tudo. E acabou ela mandando editar esse livro pra mim (Clemência, 2022).

Foi com a ajuda das coordenadoras Adelaide e Marinês (*in memoriam*) que dona Clemência conseguiu publicar seu livro de trovas e realizar um sonho do passado, que ela mesma já não tinha muita esperança de concretizar. Ao ser questionada sobre o significado desse feito, dona Clemência expressa toda a sua gratidão às coordenadoras e sua satisfação pessoal por realizar esse sonho já na velhice: “Ah, muita coisa. Foi muita coisa. Por isso que eu falo, Marinês, eu nunca esqueço, porque só ela mais Adelaide pra fazer a gente, fazer essas coisas assim, de aprender depois de velha”.

O caso de dona Clemência e de sua relação com a escrita é bastante peculiar e bem emblemático da sua personalidade, pois, analisando-se sua história de vida, observou-se que seu desejo por escrever versos teve início com a leitura de cordel. Tal processo de letramento através da literatura de cordel teve um forte alcance na região Nordeste, principalmente na primeira metade do século passado. Recordando Galvão (2002), muitas vezes, essas práticas de letramento surgiam naturalmente nos pequenos círculos familiares e entre vizinhos, sem intervenção direta dos movimentos sociais organizados, como parece ter sido o caso de dona Clemência. Tal processo é visível em sua escrita, em que ela procura reproduzir o padrão dos versos de cordel que ela tanto gostava de ouvir na sua juventude.

Considerações finais

Em todas as recordações apresentadas pelas senhoras voluntárias da pesquisa, observou-se que os objetos remetem a acontecimentos marcantes e, em muitos casos, transformadores para elas. As experiências socioculturais relatadas revelam sentimentos de superação de bloqueios pessoais, superação dos limites físicos, considerando-se a idade avançada, e até mesmo cura de traumas emocionais. Não são apenas momentos de distração, aprendizagem e passatempo. Todas essas atividades formam referenciais sociais importantíssimos para ajudar no equilíbrio emocional e na valorização e autovalorização da pessoa idosa. Além disso, a partir da vivência de novas experiências marcantes no presente, geram-se memórias mais recentes que dão às pessoas idosas um sentido de continuidade da sua história, fazendo com que elas não fiquem presas apenas a memórias do seu passado distante.

Nesse sentido, espaços de sociabilidade como o projeto UATI/CEVITI, em que as pessoas idosas são estimuladas a encarar novas experiências e desafios, colaboram para atualizar essas pessoas, dando a elas um sentimento de pertencimento à sociedade atual. Isso, porém, não significa desprezar o passado ou ser indiferente a ele. Pelo contrário, é dar uma continuidade à biografia de cada pessoa, pois a velhice não deve ser sinônimo de estagnação da vida, como esclarece Caradec:

[...] quando os compromissos presentes diminuem, o passado torna-se o principal ponto de apoio para salvaguardar o sentimento do próprio valor. Essa autovalorização enraíza-se nos compromissos marcantes da existência, assumindo a forma de uma identificação com a sociedade de outros tempos, que vem a ser valorizada em detrimento da sociedade de hoje, considerada de maneira muito menos favorável (2016, p. 30-31).

Quando as pessoas se aposentam e cessam todas as suas atividades laborais externas, recolhendo-se ao contexto doméstico e familiar, é comum avaliar e narrar sua vida com o olhar no passado, pois elas já não têm mais experiências significativas atuais para contar. Bosi defende que “durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo” (1994, p. 80).

Ao analisar o alcance das atividades vivenciadas pelas voluntárias no projeto de extensão, verificou-se o quanto tal espaço de convivência social é relevante para oferecer a essas pessoas a oportunidade de ter uma velhice mais ativa e feliz. As experiências por elas relatadas revelam que as atividades artístico-culturais ou de ensino das quais participaram trouxeram benefícios que superam o nível de aquisição de novos conhecimentos.

Evidenciou-se que o programa UATI, como espaço de sociabilidade, exerce um importantíssimo papel que adentra o âmbito psicoemocional. As idosas voluntárias da pesquisa revelaram que, através da participação no programa, se sentem acolhidas e valorizadas, e com isso desenvolvem um forte vínculo de pertencimento e engajamento com o grupo. Esse aspecto inclusive pode ser comprovado pela longa permanência delas no projeto, pois algumas são participantes há mais de 20 anos e só deixam de participar por alguma questão de saúde que as impossibilite de continuar frequentando o programa.

Também é possível observar que a organização de eventos, como os desfiles da miss terceira idade, e viagens geram expectativas positivas nas idosas. Isso é um importante estímulo na velhice, considerando-se que muitas pessoas idosas, pelas próprias circunstâncias que as cercam, acabam não alimentando sonhos e projetos futuros. Para muitos, a vida se torna uma contagem regressiva para se chegar ao fim. A inserção das pessoas idosas nas universidades cria novas formas de sociabilidade, incentivando a criatividade e a produtividade desse público que muitos ainda consideram inativos. Para as universidades, tal iniciativa configura-se

como uma experiência riquíssima que vai sendo construída dia a dia, pois esse público carrega uma “bagagem” de muitos saberes e suas experiências de vida também têm muito a ensinar à academia.

MEMORIES OF SOCIOCULTURAL EXPERIENCES LIVED IN THE EXTENSION PROJECT UATI/CEVITI

Abstract: *This article presents a data analysis that is part of doctoral research. It was sought to know, understand and analyze how sociocultural experiences involving the most diverse artistic expressions can have some influence on the constitution of an individual’s identity throughout his/her life history. This process configures itself as a natural literary literacy based on one’s experiences. This research is qualitative and follows an ethnographic perspective developed among a group of students from an extension project that is directed to the elderly. From the participants’ statements, it was possible to verify that the experiences they had in the project were characterized by remarkable and very significant moments for them. The data reveals that the artistic-cultural or teaching activities in which they participated brought benefits that exceed the level of acquisition of new knowledge. This extension project, as a space for building sociability, plays a very important role that even goes into the psycho-emotional sphere. All of these activities form very important social references to help with emotional balance and the appreciation and self-worth of elderly people.*

Keywords: *Memories; Sociocultural Experiences; Third Age.*

Referências

ACCO, Cleideni Alves Nogueira. *Letramento literário e experiências socioculturais: memórias e narrativas compartilhadas entre alunas da universidade aberta à terceira idade*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/75907>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BELA. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 17 mar. 2022.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARADEC, Vincent. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Velho é lindo!* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 11-38.

CLEMÊNCIA. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 16 mar. 2022.

ELISABETE. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 15 mar. 2022.

GALVÃO, Ana Maria Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 115-142, dez. 2002.

LAU. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 21 mar. 2022.

LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. O envelhecimento e as mudanças no corpo: novas preocupações e velhas angústias. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Velho é lindo!* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 107-131.

LURDES. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 28 mar. 2022.

MARIA DO CARMO. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 31 mar. 2022.

NEIVA. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 07 abr. 2022.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

Recebido em 10 de agosto de 2024

Aprovado em 22 de setembro de 2024